GILLETTE:
BILLED AFTER DEATH

FERDINANDO FREGA



GILLETTE: COBRADO DEPOIS DA MORTE

The Art of Attraction · 07

Morrer nunca tinha se tornado um problema. Para um homem como eu, a única preocupação era a escolha do lugar, e se me tivessem dado essa oportunidade, eu com certeza teria escolhido o melhor: a cama de uma mulher que eu não conhecia.

Na minha opinião, aquele era de longe o melhor ponto de passagem entre o que somos e o que seremos, sempre planejando levar comigo, como dote, o aplicativo do prazer.

Ahahahahahah

Seis episódios de coma clínico tinham tentado e falhado, com uma expectativa de vida anunciada por alto como algo entre quarenta e oito horas e trinta dias no máximo. Mas quem fazia essas previsões eram muitas vezes os médicos — aqueles cujas receitas são pagas pelo serviço público de saúde, e não só eles: também aquele que sai de férias com a amante graças a honorários escondidos dentro de receitas direcionadas para as indústrias farmacêuticas — e nunca, jamais, uma previsão de verdade de um especialista em meteorologia.

E todas as vezes, ao lado da cama, lá estava — pontual e, até onde eu conseguia lembrar, sempre o mesmo, mesmo formato e cor, mesmos detalhes, sem furos para o ar, como se tivesse sido feito sob medida — um caixão com uma plaquinha: FERDINANDO FREGA.

Ninguém sorria, mas ele sempre ficava ali, esperando, enquanto a diretoria do inferno decidia se era mais conveniente me deixar na terra, enchendo o saco de todo mundo com a gillettenarrative.com, ou me deixar transitar para aquele lugar, sem telefone e sem dinheiro, onde eu poderia criar um novo ALFHABETDEVIL que com certeza teria desestabilizado também o formato atual deles.

E quando ficou claro que eu ia ficar na terra, um dia chegou até a fatura da funerária, com esta descrição nos detalhes e nos itens de custo:

6 paradas do carro funerário;

Reserva do caixão;

Modelo de casca dupla, tamanho XXL;

Oito carregadores contratados por trinta horas;

Manutenção e tempo de espera com plantão;

Impostos e IVA.

Juros e correção monetária.

Total: 3.500 euros, a pagar por transferência bancária em até 30 dias da data da fatura.

Preso no feitiço, fui conferir os dados do destinatário, convencido de que era um engano, e em vez disso encontrei os meus, perfeitamente corretos. Não havia dúvida: o morto tinha de pagar pelo vivo, e a cobrança era indiscutível.

Mas ninguém sabia que eu sou alguém que você não espera. Fora do hospital, nas minhas horas livres e durante a longa

espera em casa, tratei de telefonar para a funerária, fazendo-me passar pelo filho do falecido. Depois de investir algum tempo, uma piada atrás da outra, e de conquistar a simpatia da secretária, convidei-a para jantar, e ela não teve dificuldade em aceitar. Afinal, eu era só o filho do morto.

Eu veria a coisa de perto e entenderia o que acontece depois, quando um homem é considerado morto por definição — mas poderia contar isso vivo. Era isso que me fascinava.

Fui buscá-la na casa dela. Ela usava um perfume forte e doce, daqueles que dizem me leve, sou sua. Tinha uns quarenta anos, não exatamente na flor da juventude.

Eu era bem mais velho, mas na minha família a idade sempre foi uma opinião, não um dado da certidão de nascimento, e além disso ninguém vai para a cama com a carteira de identidade: essa é para a igreja, quando a gente se casa.

Depois do jantar contestei a fatura da morte — não os serviços em si, esses eram sagrados e indiscutíveis, mas a qualidade e o tipo deles, que não tinham sido nem combinados nem propostos: o pedido tinha saído automaticamente. A coitada sentiu a dificuldade do momento e não teve escolha senão me oferecer um desconto. Mas de quanto?

Eu não queria parecer agressivo — afinal, eu era o suposto morto —, então deixei a parte financeira para outro dia, e ela concordou.

Na hora de pagar o jantar, como num passe de mágica, percebi que estava sem a carteira, mas ela foi gentil e amável o

bastante para me dizer que cuidaria disso, sem problema. Ainda lembro o valor: 169 euros.

Quando saímos, levei-a de volta para casa e pedi desculpas. Expliquei que tinha perdido a carteira com todos os meus documentos e que, naquela noite, o romance também ia ficar entre os objetos perdidos.

Ela sorriu, mas não fez nenhum comentário. Assentiu, do jeito que só as mulheres sabem.

Cerca de uma hora depois mandei uma mensagem dizendo que tinha encontrado a carteira, e depois as frases que a deixaram em choque:

Sabe, eu sou aquele da fatura.

Eu disse que estava morto.

O problema é que ainda estou vivo, e continuo custando dinheiro à sua empresa.

Os 169 euros são a prova.

Nunca confie num homem que não quer morrer.

Ferdinando